

# Os Engenheiros e Macau

Estava a abrir o número 372 para ver e depois escrever o que irá ser dito no fim. Mas já não escrevi antes de ler e terminar no "Adeus Macau". Estive lá no ano de 1998, tendo sido convidado para ir instalar a empresa de electricidade e ficar a dirigi-la, em 1970, ganhando mais que o Presidente da República. Não aceitei por ter quatro filhos, o mais velho com 21 anos, dois deles no início da tuburlenta vida universitária. Pessoalmente e economicamente seria uma solução brilhante, mas fiquei com a consciência tranquila quando vi agora as obras feitas pelos engenheiros e arquitectos portugueses. Por isso, concordo plenamente com o que escreveu.

Para a grande maioria das pessoas, os políticos falam e as obras aparecem... omitindo-se os que as conceberam, calcularam, executaram, fiscalizaram e exploram em serviço [...]

*Eng. Leopoldo Cunha Matos*

## A Luta pela Qualidade

O que foi dito no fim pelo nosso Assinante 99, e que não se encontra na transcrição anterior, diz respeito a dois parágrafos. O primeiro referia-se ao pagamento da Assinatura anual da revista ELECTRICIDADE, solicitando a confirmação da liquidação em 1999, assunto contabilístico resolvido pela nossa Secretária de Redacção e a sua "Ministra das Finanças". O último parágrafo concluía com "felicitações quanto à persistente luta pela qualidade da Engenharia Electrotécnica portuguesa, quer através da docência directa quer indirecta via Revista ELECTRICIDADE". Muito agradeço a apreciação, apressando-me a acrescentar que faço o que faço com a máxima satisfação, mas à espera de rendição, por quem faça mais e melhor. Os anos já pesam, ao ponto de me encontrar a escrever com o rosto manchado de negro e a mão esfolada sob a caneta da fixação escrita, após uma queda na rua, por um inesperado tropeção nas pedras da calçada ao sair cansado de uma reunião de trabalho, durante quatro horas seguidas a puxar pelos neurónios (muito treinados, mas certamente bastante desgastados e a pedir algum repouso). Se quer que lhe diga com a máxima franqueza, agora que a idade me apoquento é que vejo ser necessária uma grande "luta pela qualidade da Engenharia Electrotécnica portuguesa". Nos anos passados, para mim essa qualidade emergia sem luta, no sentido de um esforço sem combate contra instituições ou pessoas, pois estas apoiavam solidariamente os objectivos prosseguidos. Hoje é mesmo uma luta, porque as instituições e as pessoas que hélas são activas não compreendem bem o alcance (e a necessidade) dos produtos culturais, que negam o primado (generalizado? – eis a dúvida que preserva a esperança) dos rácios económicos positivos. Até aqui, temos tido (nós todos, engenheiros electrotécnicos) a sorte de ainda haver quem seja sensível à valorização da cultura electrotécnica na sociedade portuguesa, mantendo a publicação regular da revista ELECTRICIDADE. Mas será que as gerações vindouras não irão despertar inflexivelmente para a lógica da cultura volátil da Internet? – desprezando o papel impresso com qualidade de

grafismo e conteúdo, brochado mês a mês, que se colecciona ao longo da vida. Então, cada um encherá o espírito com dados temporários e irrecuperáveis, ficando sem história, desarticulando-se da própria evolução. Para não cair neste vazio do presente, em que o passado se desliga do futuro, é que luto persistentemente pela continuidade destas páginas, até que alguém lhe dê melhor trato. Ainda há a "docência directa" na universidade. Aí tudo se complica mais, porque o seu âmbito nacional (ou mesmo internacional) não atende a um projecto singular (pessoal), ainda por cima expresso na língua portuguesa (portanto, sem excitar minimamente os governantes provincianos que temos). Além disso, os rácios associados à universidade são múltiplos e contraditórios. A luta torna-se mais adversa pela indefinição do verdadeiro conceito institucional, que cada um molda a seu jeito (ou proveito). Aí sim, a luta pela qualidade da Engenharia Electrotécnica está a ser desmobilizada, dada a massificação do ensino e a falta de recursos materiais apropriados, além da deformação dominante da docência, com experiência científica assaz sólida mas completamente desqualificada industrialmente. Tudo isto empobrece a engenharia. Valha-nos a revista ELECTRICIDADE. Afinal, um veículo de actualização profissional, que se assina para ler. Como diz, numa acção de entusiasmo que pressentimos acontecer generalizadamente, "estava a abrir o número 372 para ver e depois escrever (...) mas já não escrevi antes de ler e terminar" na última página. Esta é uma revista com Assinantes (interessados) e Leitores (que lêem), para honra e (satisfação) dos seus Autores. Que são livres. Não publicamos por encomenda e queremos continuar a disponibilizar a todos os Engenheiros Electrotécnicos portugueses um espaço de comunicação, para reflexão, formação e informação. Livremente. Aberto como na Internet, mas com registo na História. Em papel, valorizado pelo conteúdo e a estética. **E**

*H. D.-R.*